Dia 1 — A Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo

O mistério da Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo pode ser chamado o grande mistério de suas humilhações, o primeiro penhor de nossa salvação, a consumação da lei antiga e como que as arras, ou o primeiro selo, do Novo Testamento.

Tendo Deus escolhido para si um povo entre todas as nações do mundo, ordenou que a circuncisão fosse o sinal distintivo que o diferenciasse de todos os demais. Todos os filhos varões que tiverdes, disse Deus a Abraão [^1], serão circuncidados; e esta circuncisão será o sinal da aliança que há entre mim e vós. Como esse era o caráter singular do povo que, descendente de Abraão, estava destinado a herdar as bênçãos prometidas à sua posteridade, era necessário que Jesus Cristo fosse marcado com esse selo, como aquele em quem essa descendência haveria de ser abençoada, para mostrar que era filho de Abraão, de cuja linhagem estava profetizado e prometido que nasceria o Messias.

O Filho de Deus submeteu-se voluntariamente a essa lei de humilhação, embora por nenhum título estivesse obrigado a ela. A circuncisão fora ordenada como remédio para purificar a carne do pecado original; e a de Jesus Cristo estava limpa de toda mancha. Mas, como se encarregou do ofício de Salvador dos homens, foi necessário, diz Santo Agostinho, que se carregasse também com a marca de pecador, para que pudesse carregar igualmente sobre os ombros a pena correspondente ao pecado.

Para desempenhar perfeitamente o título de Salvador, prossegue o mesmo santo Padre, era necessário um Justo, em quem, por um lado, Deus se comprazesse infinitamente e a quem, por outro, pudesse tratar como pecador, a fim de encontrar em seus trabalhos e em seus merecimentos uma plena satisfação, proporcionada à majestade da Divindade ofendida e ao rigor de sua justiça.

Até que este mistério se cumprisse, não houvera propriamente no mundo Jesus, ou Salvador, que fosse hóstia de propiciação por nossos pecados. Nem naquele divino Menino encontrava Deus coisa alguma que não servisse de objeto a suas divinas complacências. Circuncidou-se e, logo que aquele Filho querido se deixou ver com aparência de pecador, reuniu em sua pessoa as duas qualidades necessárias ao Salvador do mundo; pois, sem deixar de ser Filho querido, foi também a vítima que o próprio Deus pedia. Por isso não tomou o nome de Salvador senão no dia de sua circuncisão, e este foi, falando com rigor, o dia em que, lançando às costas a carga de nossos pecados, assumiu solene obrigação de satisfazer por eles. Vida pobre e obscura, vida laboriosa e humilhada, opróbrios, suplícios e morte de cruz, tudo foi efeito da dura obrigação que contraiu neste mistério. Nada padeceu em sua paixão, nem no curso de sua vida, que não tivesse aceitado

livremente em sua circuncisão.

As demais humilhações do Salvador foram, de certo modo, ilustres pelo brilho de algum milagre; a presente careceu de todo esplendor que a ilustrasse, porque nela tomou o sinal, a confusão e o remédio do pecado. É verdade que semelhante humilhação no verdadeiro Filho de Deus foi tão assombrosa quanto o poderia ser o maior de todos os prodígios.

Desde este dia pode-se dizer propriamente que começou a redenção do mundo e que Jesus Cristo tomou posse de seu ofício de Salvador, fazendo as primeiras funções dele pela primeira efusão de sangue. Oh, que poderoso motivo de amor e de reconhecimento são essas primícias de suas dores! Que seria de nós se não tivéssemos alcançado tão doce Salvador? Mas que será de nós se não nos aproveitarmos de tudo o que este divino Salvador padeceu para nos salvar?

Muitas razões alegam os santos Padres para que o Filho de Deus quisesse sujeitar-se à lei da circuncisão. Primeira: quis, diz Santo Epifânio, tirar aos judeus o aparente pretexto que teriam para não o reconhecer, se fosse incircunciso. Segunda: a circuncisão era de instituição divina, e o Salvador não pretendia dispensar-se dela. Terceira: quis convencer, com essa dolorosa cerimônia, diz São Tomás, que era homem verdadeiro, contra o erro dos maniqueus, que lhe concediam apenas um corpo fantástico e aparente; contra os apolinaristas, que lhe atribuíam um corpo espiritual e da mesma substância da divindade; contra os valentinianos, que defendiam que o corpo de Cristo era de matéria celeste. Quarta: quis dar exemplo de perfeita obediência à lei em todas as circunstâncias que ela prescrevia. Quinta: quis, diz o Apóstolo, carregar ele mesmo o jugo daquela lei que vinha abolir, pondo fim a todas as cerimônias legais ao mesmo tempo que as observava; porque com aquele ato de religião ele sozinho dava mais glória do que lhe poderiam dar todos os homens juntos, pela mais exata observância da lei até o fim de todos os séculos.

É muito provável que o Salvador do mundo tenha sido circuncidado em Belém e, segundo Santo Epifânio, no mesmo portal onde nasceu. A lei nada determinava, nem quanto ao lugar, nem quanto ao ministro daquela operação. Fez-se no oitavo dia de seu nascimento, como ordenava a própria lei; porque, tendo vindo o Salvador do mundo para cumprir a lei e os profetas e para preencher perfeitamente todas as obrigações da religião, quis observar essa lei até nas menores circunstâncias.

Costumavam então os judeus não pôr nome aos filhos até o dia de sua circuncisão. Não era preceito expresso de Deus, mas costume inconteste, fundado talvez no exemplo de Abrão, cujo nome Deus mudou para Abraão no dia em que lhe mandou que se circuncidasse. Além disso, parecia razoável que, para dar ao menino o nome pelo qual seria conhecido no povo de Deus, se aguardasse o dia em que seria incorporado ao mesmo povo por meio do sacramento instituído por Deus para esse efeito. E é verossímil que, pela mesma razão, também nós ponhamos nome às crianças no Batismo, por cujo meio se tornam membros do corpo místico de Jesus Cristo e parte do verdadeiro povo de Deus, passando a ser filhos da santa Igreja.

O Filho de Deus recebeu o nome de Jesus no dia da circuncisão, como o anjo havia anunciado à santíssima Virgem antes que o concebesse em suas entranhas [^2]. Darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus; porque salvará o seu povo e o livrará de seus pecados.

Ó meu Deus, quantos mistérios se encerram neste único mistério! Que lições tão importantes nos dá! Que ardor, que ânsia a de Jesus Cristo por cumprir todas as obrigações da religião! Com que exatidão obedeceu à lei! Poderia antecipar-se mais em nos dar as maiores mostras de amor? Poderíamos nós obter outro Salvador mais digno de todo o nosso coração, mais merecedor de todos os nossos respeitos? Poderíamos jamais ter exemplo ou modelo mais perfeito? Ó meu Deus, quanto condena essa exata obediência de Jesus Cristo aquelas demasiadas indulgências, aquelas vãs interpretações da lei, aquelas frívolas dispensas com que pretendemos eximir-nos dela! Quanto confunde o nosso orgulho essa antecipada humilhação do Salvador! Que remédio tão poderoso seriam essas primícias de suas dores para curar as delicadezas de nosso amor-próprio, se nos embebêssemos bem no espírito deste mistério!

Acabou-se em Jesus Cristo a circuncisão antiga, porque ele mesmo veio estabelecer a nova; mas não nos deixou, diz o Apóstolo, uma circuncisão exterior da carne: *In expoliatione corporis carnis*, e sim uma circuncisão interior do coração, que se faz com o fervor do espírito [^3]: *Circumcisio cordis in spiritu*. Sem essa circuncisão do coração, isto é, sem cortar os desejos inquietos e vãos, os desejos mundanos e desordenados, os desejos imoderados e ilícitos que nascem dentro do coração, que o estragam e corrompem; em suma, sem aquela mortificação generosa e perseverante de nossas paixões, em vão nos gabamos de ser discípulos de Cristo só porque exteriormente estamos, por assim dizer, marcados com o seu selo.

Essa reforma interior do coração humano é a que São Paulo chama propriamente a circuncisão da lei da graça, quando diz que nós, que servimos a Deus, somos hoje a própria circuncisão [^4]: *Nos enim sumus circumcisio, qui spiritu servimus Deo*. A vida cristã é uma vida de circuncisão e de cruz. Por mais que o amor-próprio resista, por mais que a carne repugne, o verdadeiro cristão não se pode reconhecer senão por esse sinal. Quem não tem esse espírito de mortificação interior deve ser considerado, por assim dizer, incircunciso.

É de notar que a festa deste dia, antiquíssima na Igreja pela devoção que os fiéis sempre tiveram a este mistério, celebra-se ora com o título de oitava do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, ora com o da Circuncisão, ora com o de festa particular da santíssima Virgem.

No Sacramentário romano, o papa São Gregório une a memória da circuncisão de Jesus Cristo à oitava de seu Natal e à solenidade da santíssima Virgem, sua mãe. A Igreja, com o mesmo espírito, parece celebrar também hoje essas três solenidades no ofício e na missa do dia; pois o intróito, o gradual e o ofertório são da oitava do Natal; a epístola e o evangelho são do mistério da Circuncisão; e as orações são em honra da santíssima Virgem, que, tendo tido tanta parte nesses mistérios, não era razoável que fosse esquecida na solenidade deste dia.

Foi singular disposição da divina Providência que, sendo o dia de hoje o primeiro do ano civil segundo o modo de contar dos romanos, que então davam a lei a todo o universo, fosse também o primeiro do ano cristão.

Costumavam os gentios, por uma espécie de antiga superstição, celebrar com toda sorte de desordens o primeiro dia de janeiro, em honra do deus Jano e da deusa dos presentes de ano-novo (as *estrenas*). Mas, tendo sido este dia santificado pelo Salvador do mundo com as primícias de seu sangue, a Igreja não poupou meio nem recurso para mover os fiéis a santificá-lo com piedade

verdadeiramente cristã, abolindo a memória das profanidades gentílicas com a modéstia edificante e com os exercícios de penitência e de devoção em que deseja que se empreguem todos os seus filhos.

Tendo-se introduzido pouco a pouco, mesmo entre os cristãos, os regozijos profanos das calendas de janeiro, acendeu-se o zelo dos santos Padres contra a festa das *estrenas*; e nos primeiros séculos da Igreja introduziram nela o jejum dos três últimos dias do ano e dos três primeiros do seguinte, como se lê no cânon dezessete do segundo concílio de Tours. Mas, destruído depois inteiramente o paganismo, a própria Igreja julgou mais conveniente suprimir o jejum universal em todo o tempo que vai do Natal à Epifania, considerando-o tempo pascal [^5]: *Omni die festivitates sunt*; e contentou-se em inspirar nos fiéis um grande horror aos costumes pagãos, exortando-os a santificar o primeiro dia do ano e os seguintes com extraordinária edificação e piedade.

Poder-se-á ver sem lágrimas, exclama o célebre Faustino, lamentando as extravagâncias dos pagãos de seu tempo, poder-se-á ver sem lágrimas esses estultos correndo de rua em rua desde os primeiros dias do ano, disfarçados com máscaras ridículas de todo gênero de figuras, a dar pulos de alegria porque se veem transformados em feras e nos mais vis animais? *In istis diebus miseri homines sumunt formas adulteras; alii vestiuntur pellibus pecudum, gaudentes et exultantes, si taliter se in ferinas species transformaverint.* Esta é a verdadeira origem das festas do carnaval, e estes foram os primeiros autores das máscaras.

Horroriza-te, continua este Padre, horroriza-te dos escandalosos desatinos que muitos cristãos não se envergonham de imitar: *Quas adhuc plures in populo observare non erubescunt.* Queira Deus que jamais manches teus olhos com a vista das extravagâncias e das loucuras desses insensatos: *Ut oculi vestri, videndo luxuriam stultorum hominum, polluantur.* O cristão que tem algum pudor nunca deve ser testemunha desses espetáculos.

Pregando Santo Agostinho contra os excessos que se cometiam naqueles primeiros dias, vendo-os como relíquias do paganismo: É possível, dizia, que sigais os mesmos costumes e cometais os mesmos excessos que os pagãos, vós que fazeis profissão de ser cristãos [^6]? *Quomodo aliud credis, aliud speras, aliud amas?* Como se compõe a vossa religião com os vossos costumes? Como se ajustam essas diversões com a vossa fé e com a vossa esperança? Irmãos meus, se de hoje em diante quereis proceder como cristãos, esta deve ser a vossa conduta: *Dant illi strenas, date vos eleemosynas.* Os gentios, a título de *estrenas*, fazem hoje presentes supersticiosos; fazei vós esmolas caridosas. *Advocantur illi cantationibus luxuriarum, advocate vos sermonibus scripturarum.* Concorrem eles a seus festins, convidados por músicas perigosas, por vozes lisonjeiras e cantares provocativos; reuni-vos vós em vossas casas para conversações piedosas ou, ao menos, honestas. *Currunt illi ad theatrum, vos ad ecclesiam.* Correm eles às praças, aos teatros; correi vós às igrejas. *Inebriantur illi, vos jejunate.* Entregam-se eles à embriaguez e aos excessos em banquetes desregrados; santificai vós o primeiro dia do ano com o jejum. *Si hodie non potestis jejunare, saltem cum sobrietate prandete.* E se, pela solenidade do dia, vos parecer que não é razoável jejuar, que ao menos reine a sobriedade em vossas mesas, e procurai dar em tudo bom exemplo por meio de uma cristã modéstia.

Martirológio Romano

A Circuncisão de N. S. Jesus Cristo e a Oitava de seu Natal.

Em Roma, São Almáquio, mártir, a quem os gladiadores deram morte por ordem de Alípio, prefeito da cidade, porque havia dito publicamente: Hoje é a oitava do Natal do Senhor; renunciai ao culto supersticioso dos ídolos e abstende-vos daqui em diante de oferecer sacrifícios impuros.

No mesmo lugar, sobre a via Ápia, trinta soldados mártires, coroados sob o imperador Diocleciano.

Também em Roma, Santa Martina, virgem, que, depois de ter sofrido diversos tormentos sob o imperador Alexandre, obteve enfim a palma do martírio, morrendo degolada. Celebra-se a sua festa no dia 30 deste mês.

Em Espoleto, São Concórdio, sacerdote e mártir, o qual, no tempo do imperador Antonino, foi primeiramente açoitado com varas, depois estendido sobre o cavalete e em seguida sofreu longo tempo numa prisão, onde veio consolá-lo um anjo, e acabou por fim a vida pela espada.

No mesmo dia, São Magno, mártir.

Em Cesareia da Capadócia, a morte de São Basílio, bispo, cuja festa se solenizará principalmente a catorze de junho, dia em que foi sagrado bispo.

Na África, São Fulgêncio, bispo de Ruspe, que, durante a perseguição dos vândalos, sofreu muito da parte dos arianos, por causa de seu grande zelo pela fé católica, junto com a eminência de seu saber, e foi desterrado para a Sardenha; depois, tendo recebido permissão de voltar à sua diocese, morreu ali em paz, tão recomendável por suas pregações quanto pela santidade de sua vida.

Em Chieti, no Abruzo Citerior, a festa de São Justino, bispo dessa cidade, ilustre por sua santidade e milagres.

Num mosteiro da diocese de Lyon [^7], situado sobre o monte Jura, Santo Eugêndio (Oyend), abade, cuja vida foi cheia de virtudes e milagres.

Em Souvigny, Santo Odilão, abade de Cluny, que foi o primeiro a dispor que se fizesse em seus mosteiros a comemoração de todos os fiéis defuntos no dia seguinte à festa de Todos os Santos, prática que depois foi aprovada e recebida pela Igreja universal.

No monte Senário, na Toscana, o beato Bonfílio, confessor, um dos sete fundadores da ordem dos Servitas, o qual, tendo honrado a santa Virgem com zelo ardente, foi por ela chamado a gozar da felicidade do céu.

Em Alexandria, Santa Eufrosina, virgem, que se distinguiu em seu mosteiro por uma severa abstinência e por milagres.

E em outras partes celebra-se a festa e a comemoração de muitos outros santos Mártires, Confessores e santas Virgens.

Responde-se: Louvado e glorificado seja Deus eternamente [^8].

Missa (oração)

A missa deste dia é do mistério, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui salutis æternæ, beatæ Mariæ virginitate fecunda, humano generi præmia præstitisti: tribue, quæsumus; ut ipsam pro nobis intercedere sentiamus, per quam meruimus auctorem vitæ suscipere, Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum: qui tecum vivit et regnat in unitate Spiritus Sancti Deus, per omnia sæcula sæculorum. Amen.*

Português: Ó Deus, que pela fecunda virgindade da bem-aventurada Virgem Maria concedestes ao gênero humano o prêmio da salvação eterna, concedei-nos, nós vos suplicamos, sentir a intercessão daquela por quem merecemos receber o Autor da vida, Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que, sendo Deus, vive e reina convosco, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo, tirada do capítulo 2 de sua carta a Tito.

Tito 2,11-14

> **Latim:** 11 Apparuit enim gratia Dei Salvatoris nostri omnibus hominibus, 12 erudiens nos, ut abnegantes impietatem, et sæcularia desideria, sobrie, et juste, et pie vivamus in hoc sæculo, 13 exspectantes beatam spem, et adventum gloriæ magni Dei, et Salvatoris nostri Jesu Christi : 14 qui dedit semetipsum pro nobis, ut nos redimeret ab omni iniquitate, et mundaret sibi populum acceptabilem, sectatorem bonorum operum.

Português: 11 Porque a graça de Deos nosso Salvador apareceo a todos os homens, 12 ensinando-nos, que renunciando a impiedade, e as paixões mundanas, vivamos neste seculo sóbria, e justa, e

piamente, [13] aguardando a esperança bema-venturada, e a vinda gloriosa do grande Deos, e Salvador nosso Jesu Christo: [14] que se deo a si mesmo por nós-outros, para nos remir de toda a iniquidade, e para nos purificar para si, como povo agradavel, seguidor de boas obras.

Nota

« Estando São Paulo em Nicópolis, cidade da Trácia, à entrada da Macedônia, escreveu esta carta a seu amado discípulo Tito, a quem havia feito bispo de Creta ou de Cândia, encomendando-lhe o cuidado daquela igreja, e foi por volta do ano 66 de Cristo.

Reflexões

A graça do Salvador manifestou-se a todos os homens. Que grande consolo! Saber pela boca do próprio Apóstolo que nenhum dos homens foi excetuado desta graça! Apareceu para nossa instrução. Na verdade, toda a vida de Jesus Cristo, propriamente falando, não foi mais que uma lição contínua. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e aos relaxamentos do século; ela nos ensina a viver com temperança, segundo a justiça e com piedade. Estas três virtudes compreendem em si muitas outras. Cumprimos o que devemos a Deus por meio de uma piedade humilde e sincera; o que devemos ao próximo, seguindo as leis da justiça; o que devemos a nós mesmos, moderando nosso amor-próprio e domando nossas paixões. Sobre estes únicos princípios se forma o verdadeiro cristão. Renunciando às desordens do século, às máximas e ao espírito do mundo, forma-se o cristão verdadeiro; não há outro meio. Esta é a primeira obrigação que contraímos no batismo; e é esta a obrigação que desempenhamos com maior exatidão? Aquelas pessoas mundanas, aquelas vítimas da vaidade, do interesse, da ambição, renunciaram às vaidades do século? Vivem, porventura, segundo as leis da temperança, da justiça e da piedade? Podem dizer com verdade que esperam a bem-aventurança eterna, que este é o fim de sua esperança? Mas em quem fundarão essa esperança? Será, acaso, em Jesus Cristo como Salvador, ou como Juiz? Mas será em Jesus Cristo como Salvador, quando não querem seguir suas leis, quando desonram sua religião, quando desprezam suas máximas? Será em Jesus Cristo como Juiz? Consultemos, porém, examinemos bem se somos parte daquele povo puro e perfeito que é o objeto de suas complacências, daquele povo a quem olha como a melhor obra de suas divinas mãos, que deve ser sua glória, sua coroa e sua alegria. Honramos, porventura, a Jesus Cristo com costumes tão pouco cristãos? Pregai estas coisas. Certamente não seria preciso mais para nos converter, se nós mesmos não pusséssemos tantos estorvos à nossa conversão. Oh, que matéria tão abundante de reflexões! Queira Deus que não o seja também de penetrantes remorsos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Lucas.

Lucas 2,21

> **Latim:** [21] Et postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo priusquam in utero conciperetur.

Português: [21] E depois que forão cumpridos os oito dias para ser circumciscido o menino: foi-lhe posto o nome de Jesus, como lhe tinha chamado o anjo, antes que fosse concebido no ventre de sua mãe.

Meditação

Sobre o mistério da Circuncisão

Primeiro ponto

Considera quão caro custou a Jesus Cristo o ofício de Salvador dos homens. Um nascimento pobre, uma vida laboriosa e humilhada, lágrimas de preço infinito não bastaram, ou não se contentou com elas, para adquirir o título de nosso Salvador. Quis que a nossa salvação fosse de mais alto preço. Havia de comprá-la com sua morte, e não recebeu o nome de Jesus até derramar as primícias de seu sangue; e esta primeira efusão não foi mais que como um penhor de outra redenção mais abundante.

Ó meu doce Jesus! Quanto vos custa o ter-me amado tanto! Mas que vantagem tirais vós de um ofício tão gravoso? Estava em vossa vontade aceitar ou não a morte, sem perder nada de vossa infinita glória; não ignoráveis que ibais obrigar inúmeros ingratos; mas o imenso amor que nos tínheis prevaleceu sobre tudo. Não serei eu sensível alguma vez a uma caridade tão benéfica? Quão caro vos custa, meu doce Jesus, o ofício de Redentor, e o direito, por assim dizer, de fazer-me bem! Que amor devo professar a um Salvador tão benigno! E qual tem sido até aqui o meu reconhecimento?

Não há coisa mais oposta à majestade e à santidade divina do que a humilhação que se funda no pecado. Por tudo passa o Filho de Deus quando se trata de salvar-nos: carregando-se hoje com a marca de pecador, carrega também toda a confusão que ela traz consigo; compadecido de nossa desgraça, prefere a ignomínia da morte, e morte de cruz, a uma vida doce e tranquila. A isto se empenha por meio de sua circuncisão. Nenhuma outra vítima de preço inferior bastaria para apagar o pecado do mundo; isto é o que custa a nossa salvação. Concebamos daqui o que valem nossas almas. Certamente era preciso amar muito os homens para querer salvá-los a tão alto

custo.

Ó meu bom Jesus, que dor, que confusão é a minha por ter correspondido tão mal até aqui a uma ternura tão prodigiosa! Mal nascestes, e já me mostrais o excesso de vosso amor pela efusão de vosso inocente sangue; e eis-me aqui, talvez no fim de meus dias, que, tendo sido tão grande pecador, quiçá não vos correspondi com uma só lágrima. Ao menos, Senhor, dignai-vos de receber o que me restar de vida, que eu vo-la sacrifico toda, desde este mesmo momento.

Segundo ponto

Considera que é certo que o Filho de Deus veio ao mundo para salvar os homens. Assim é: mas não é de temer, à vista de nossos costumes, que também tenha vindo para perder e para condenar a muitos? Não é coisa admirável que, custando tanto a Jesus Cristo o ser nosso Salvador, queiramos que nada nos custe a nós o salvar-nos? Só o nome de Salvador lhe custa a ele efusão de sangue: e quantas lágrimas nos custou a nós o nome e a realidade de pecadores? A aparência, a sombra só do pecado bastou para que o Pai eterno não perdoasse ao Santo dos Santos: e, estando nós manchados com tantas culpas, vivemos como se não tivéssemos que temer? Ainda que Jesus Cristo foi invariavelmente o objeto das complacências de seu Pai, contudo, logo que consentiu em parecer pecador, com que rigor o tratou? E a que vida tão trabalhosa não se condenou ele mesmo? Coisa estranha! Nós somos verdadeiramente pecadores e, em meio disso, queremos viver entregues à delicadeza e ao regalo. Quando há de chegar o tempo em que nossa penitência corresponda a nossas culpas?

Nosso Salvador não quis salvar-nos senão derramando sangue. Pois desenganemo-nos: tampouco nos salvaremos jamais senão fazendo penitência. Formemos o sistema de consciência que se nos antoje: nossa Religião nunca terá mais que uma moral e uma mesma regra. Os Santos não tiveram outro Evangelho que nós: e seguimos nós as mesmas máximas que eles seguiram? Convêm todos em que a diferença é enorme: pois que razão haverá para esperar a mesma recompensa? Por caminhos tão opostos chegar-se-á jamais a um mesmo termo? Erro enorme! Querer salvar-se por meio de uma vida que desonra e persegue o Salvador.

Ah, meu bom Jesus! É muito o que vos custei para que me deixeis perder. Conheço, Senhor, meus descaminhos, e vós mesmo vedes com que dor os detesto. Vós me ofereceis neste dia as primícias de vosso sangue, e eu não posso oferecer-vos senão um coração já usado e desgastado pelo amor das criaturas; mas vós podeis fazer dele um coração novo com vossa graça e um coração abrasado com o fogo de vosso amor. Hoje dou princípio ao ano novo e hoje também estou resolvido a dar princípio a uma nova vida. Pois vós sois Salvador meu, fazei que desde este instante me dedique a trabalhar eficazmente no negócio de minha salvação.

Jaculatórias

> *Exsultabo in Domino, et exsultabo in Deo Jesu meo.* Hab 3,18.

Eu me alegrarei no Senhor e saltarei de alegria em Jesus, meu Salvador.

> “*Jesu, esto mihi Jesus, et salva me.* Santo Agostinho.

Jesus, sede para mim Jesus e salvai-me.

Propósitos

1. É muito conforme à razão empregar todo este primeiro dia do ano no serviço de Deus. Devem-se-lhe sem dúvida as primícias do ano novo. Não deixes de confessar-te e comungar com particular fervor num dia tão solene. Assiste aos divinos ofícios; visita Jesus Cristo nos hospitais e não deixes de dar tuas estreias ou teu aguinaldo aos pobres. Escolhe hoje um Santo que seja teu especial protetor por todo o ano, determinando alguma oração ou algum obséquio que lhe faças cada dia; e passa o que restar do presente em exercícios de piedade e em boas obras.

2. Muitas almas devotas praticam a utilíssima devoção de consagrar a Deus a última e a primeira hora de cada ano, estando em oração desde as onze até a uma da noite na véspera da Circuncisão. Ali podemos rever, como aconselha o profeta Isaías, todos os anos passados e perdidos, na amargura de nosso coração, suplicando fervorosamente ao Senhor que nos dê graça para aproveitar melhor aquele que começa. Esse fim e esse princípio do ano, empregados tão santamente, não podem deixar de nos trazer mil bênçãos do céu.

Aquelas pessoas que não puderem dedicar-se a esses piedosos exercícios durante a noite poderão levantar-se mais cedo que de costume pela manhã, adiantando-se a bendizer o Senhor desde que começa a raiar o dia, que deve ser todo consagrado a ele com particular fervor. Rezarão também a ladainha da Virgem, de manhã, ao fim da missa, e à tarde, quando fizerem a estação e visita ao Santíssimo Sacramento. Ao levantar-se, rezarão o salmo 62: *Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo*; e é admirável devoção rezá-lo todas as manhãs ao vestir-se, por ser muito oportuno para aquele momento.

[^1]: Gn 17. [^2]: Mt 1. [^3]: Cl 2. [^4]: Fl 3,3. [^5]: Concílio de Tours, cân. 17. [^6]: Sermão 17. [^7]: Lyon, na França: este mosteiro foi erigido em bispado sob o nome de São Cláudio, em 1743, e restabelecido em 1817. [^8]: Estas mesmas palavras se dizem todos os dias ao fim do Martirológio.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:22 by Admin